

Projetando Gambiarras Antropofágicas: Possibilidades frente às atualizações do pós-podcast em contexto de plataformização¹

Luan Correia Cunha SANTOS²
Universidade Federal do Acre

RESUMO

Este trabalho apresenta a continuidade do debate sobre a necessidade de projetar gambiarras em um cenário de intensificação da plataformização da *podosfera* brasileira, que tem agenciado a emergência daquilo que convenhamos chamar de *pós-podcast* (Santos, 2023; 2024). Neste recorte, alocamos nosso foco nas possibilidades que a faculdade de projetar gambiarras podem abrir diante de projetos hegemônicos, e como estas são estratégicas na criação de uma cultura comunicacional/midiática solidária e promotora de cidadania e bem-viver.

PALAVRAS-CHAVE: podcast; pós-podcast; gambiarras; plataformização; antropofagia.

A necessidade de projetar gambiarras

Ao considerar que as transformações graduais da *podosfera* brasileira, especialmente aquelas vindas da direção de grandes *Plataformas*, investimentos milionários e produtoras profissionais consolidadas, estão produzindo uma "outra coisa" tensionando a linguagem do *podcast*, indo além dele próprio, também nos indica as possibilidades que temos de assumir transformações outras, vindas das possibilidades subalternizadas e indicando caminhos possíveis.

A *podosfera*, o *podcast* (ou o próprio *pós-podcast*) são objetos em constante formação e não fundados e finitos em si mesmos. Trazer essa propriedade à tona, nos possibilita tensionar as tendências para além de apenas compreendê-las e aplicá-las. O que queremos dizer com isso? Ao traçar o caminho do *pós-podcast* (Santos, 2023, 2024) indicamos algumas atualizações, apontamos suas configurações contemporâneas, mas também evidenciamos, em segundo plano, os *devires* do próprio *podcast*, *devires* estes que podem se atualizar em outras corporalidades. Nesse sentido, o *podcast* pode ser encarado com plasticidade o suficiente para se transformar e se materializar em outros *corpos midiáticos sonoros*.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNO01 – Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre, email: luan.correia@ufac.br

As grandes empresas de tecnologia já percebem isso, especialmente porque sabem que sua manutenção de hegemonia depende significativamente da sua possibilidade de se atualizar, de se adaptar, de incorporar movimentos que são oriundos das *formas populares* que as comunidades virtuais criam sobre as tecnologias. Elas reconhecem isso e se utilizam delas para potencializar tendências, se apropriar de criações coletivas e constituir modelos de negócios que os beneficiem (Moglen, 2014). Não é sem motivos que investem seu capital em atualizações constantes e que estão sempre vigiando as formas como os sujeitos se comunicam e criam possibilidades comunicativas.

Quando buscamos a "certidão de nascimento do podcast" (Santos, 2022) e apontamos para as outras possibilidades de nome que o documento nos apresenta, não é apenas para mostrar como a *Apple*, enquanto uma empresa de tecnologia tentou tomar si a centralidade da produção como uma tentativa de divulgação do *iPod*, mas também para tensionar a imaginação que problematiza sobre quais caminhos a linguagem teria tomado caso se popularizasse como um *áudioblog* ou como *Guerrilhamedia*.

Por mais produtivo e atraente que este exercício seja, não foi esse o nome que se popularizou. Porém, quando traçamos um histórico, podemos demonstrar que muitas vezes os nomes que damos a um objeto podem ser ressignificados. Mas, quando adentramos a ordem do conceito e nomeamos "pós-podcast" como referência a uma prática que já transbordou os alicerces convencionados e forjados do *podcasting*, abrimos possibilidades para a ampliação das conceituações sobre os *corpos midiáticos sonoros* que estamos produzindo.

Sendo assim, falar de um *pós-podcast* a partir das *marcas de territorialização das plataformas* e grandes empresas nos abre brechas para falar de outras possibilidades que o *podcast* pode ganhar, a partir de outras lógicas. Se o *pós-podcast* é a atualização da *podosfera* brasileira tensionada pelas marcas da territorialização das plataformas, quais seriam as possibilidades de atualização da *podosfera* brasileira quando voltamos nosso olhar para outra parte em disputa e encaramos as *gambiarras* confeccionadas? E são essas possibilidades que nos interessam na centralidade deste estudo. O que fizemos como conceituação do *pós-podcast* é fundamental, mas serve especialmente de contextualização para o que almejamos construir junto com a Antropofagia - neste caso, o *podcast antropofágico*.

Partimos da Antropofagia pela subalternidade, pela desobediência programada daquilo que se quer fazer hegemônico. Proponho aqui que pensemos o conceito de cultura-hegemônica como um projeto inacabado e sempre em curso, e que por isso, está sempre às vias de ser alterado para outros rumos. Para isso, nos baseamos no pensamento de Armand e Michele Mattelart (2004), quando estes reconhecem nas subculturas operárias e camponesas, processos de resistências, níveis de rivalidade, diferenças e conflitos. As resistências, dissidências e fricções produzidas nas subculturas é o que nos possibilita abrir brechas heterogêneas onde se quer homogeneidade.

Da mesma forma, Rivera Cusicanqui (2018), nos fala sobre ir contra uma política do esquecimento, aquela considera apenas uma possibilidade histórica neocolonial e ignora os saberes ancestrais, tradicionais e de resistência que é presente nos povos não somente em um passado distante, mas no aqui e agora, através de suas mediações com os modelos de dominação contemporânea. O nosso tempo, enquanto resistência, é anterior a uma concepção colonial que coloca os fazeres tradicionais em um passado estático e distante do cotidiano.

Conforme Rivera Cusicanqui (2018), a lógica colonial ao instituir uma outra interpretação do tempo, como algo linear, deslocou práticas cotidianas dos sujeitos subalternizados para o território do passado, para então ser esquecido e ser referenciado como descontinuidade. O que a autora nos propõe é que reconheçamos a ancestralidade e os seus saberes oriundos como parte das práticas cotidianas atuais, a partir de uma concepção de tempo outra, que não a colonizadora.

O projeto que quer se fazer hegemônico conta com uma política do esquecimento para que possa instituir a sua hegemonia. Mas, quando assumimos o (neo)Colonial/hegemônico como um projeto em constituição, deslocamos a nossa compreensão sobre outros saberes, reconhecendo que estes possuem bases de penetração social mais capilares, assim como enunciações múltiplas que ainda não foram apropriadas pelas lógicas do capital e do neoliberalismo (Rivera Cusicanqui, 2018). Por isso, a necessidade de que, no âmbito discursivo, a ciência reconheça a ancestralidade e seus saberes oriundos como projetos mais consolidados e em vias de atualização e projeção futura a partir das ritualidades cotidianas dos sujeitos.

Isso não significa que o monopólio instituído pelos conglomerados de grande capital não detenham mecanismos de controle e tentativa de dominação. Mas, se dermos

um passo à trás e esquecermos a política do esquecimento (Rivera Cusicanqui, 2018) podemos perceber que, sua lógica de dominação ao tentar ser totalizadora, redutora e homogeneizadora, se coloca em constante fragilidade. Nenhum paradigma que ignore a heterogeneidade terá sossego e sempre será produtor de zonas de fricção e de disputas. É por essas zonas de fricção que entram as subversões. Ao mesmo tempo, que nossa centralidade de atenção na pesquisa científica não recaia somente pelas forças de dominação e alijamento que querem se instituir, mas também nos movimentos de resistência. Parte do sucesso dos projetos (neo)colonialistas depende também das estruturas de significação que armamos para eles.

Soma-se a isso as considerações de Moglen (2014), de que o capitalismo, enquanto sistema econômico vigente, coloca-se constantemente em crises, e nestas, encontram espaços para uma tentativa do apagamento das identidades, através de uma constante revolução da produção, perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, perpétua agitação e incerteza. Este projeto, em curso, pretende que todas as relações entrem em constante alteração antes de se poderem consolidar. Esses movimentos buscam desarticular e desmobilizar os sujeitos sociais, para que não reivindiquem seus direitos à comunicação, à produção de gambiarras-tecnologias, à cidadania, emancipação e bem-viver.

Neste sentido, podemos interpretar que a história de todas as sociedades até hoje existentes é uma história de lutas de classes (Moglen, 2014), porém que, com o passar do tempo, agenciam outras identidades e demandas. A sociedade industrial que surgiu da expansão mundial da potência europeia, anunciando a modernidade, não superou os antagonismos de classe. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das anteriores (Moglen, 2014). Com isso, os novos cotidianos sociais, perpassam também pelas novas mídias e suas estruturas de comunicação. Em uma escala menor, podemos observar esse processo de disputa pelo território comunicacional também na *podosfera* brasileira.

Um dos grandes pilares do capitalismo contemporâneo é justamente sua pretensão de transformar grupos subalternizados em consumidores. Incluindo moderadamente as diversidades, não o bastante para que reivindiquem seus modos de viver, mas o suficiente para que se tornem consumidores e, a partir de então, peça importante para um *neoliberalismo* exploratório.

Como nos indica Garcia Canclini (2019), o capitalismo se desloca e nesse movimento, assume faces que parecem se mostrar mais tolerantes. Inclui, mas não o bastante. Oferece espaços de propagação de vozes e identidades, mas de forma controlada e medida. Moglen (2014) nos ajuda a entender esses processos de negociação quando nos relata que a burguesia, a partir do melhoramento dos instrumentos de produção, com meios de comunicação mais sofisticados, compele todas as nações, a adotar a sua cultura e os seus princípios de posse intelectual; compele-as a introduzir no seu seio o que ela chama de civilização, criam um mundo à sua própria imagem, sob pena de extinção das outras possibilidades e manifestações. Porém, os próprios instrumentos de comunicação e controle por si usados estabelecem modos de resistência que se viram contra ela.

Os *sujeitos comunicantes*, especialmente os subalternizados, sempre vão produzir brechas para a sua criação. É um equívoco achar que os sujeitos são passivos diante de um poder midiático que quer se consolidar como hegemônico ou que apenas com a internet as possibilidades de deglutição de conteúdos foi possibilitada para as camadas populares. *Disputas, ressignificações, reinterpretações, montagens, bricolagens* sempre foram uma realidade. As *gambiarrras* são uma realidade dos povos latinos. E o seu estudo e reconhecimento só pode ocorrer quando passamos a reposicionar o nosso olhar, reconhecendo que os processos de hegemonia são finitos, inacabados e em certas medidas, frágeis. O modelo que quer se fazer hegemônico é um dos modelos possíveis, mas não o único.

É a partir desta abertura que acionamos as gambiarrras. Por mais que o próprio conceito e sua articulação não sejam peça central, a sua produção para nós é estratégica, uma vez que *é através de suas lógicas que podemos conectar as premissas Antropofágicas Transmetodológicas com o fazer comunieducativo*, considerando a autonomia, criticidade e inventividade desse processo.

Acionamos a gambiarra a partir de quatro categorias, tendo como base definições indicadas por Bouffleur (2013) e Obici (2014). Os autores criam as categorias a partir de duas perspectivas: depreciativa e outra propositiva. Tal binarismo não nos é muito pertinente em nossa investigação, mas refletir sobre seu exercício de categorização sim.

A primeira delas, é a categoria de *prática ilícita*, em que os autores a definem como: um meio de tirar vantagem, um hábito irregular, desonesto, marginal, ilegal,

fraudulento, malandro. Ainda em um âmbito depreciativo, temos a categoria de *precariedade*, em que a gambiarra é considerada como um desleixado, estética rústica, grosseiro tosco, objeto ‘feito às pressas’, imperfeito, inacabado (Bouffleur, 2013; Obici, 2014).

Outras significações para gambiarra podem ser encontradas relacionando-a com um *projeto estético externo*, tais como: adaptação, adequação, ajuste, conserto, reparo, remendo. Também pode ser acionada enquanto uma *capacidade de ressignificações* e qualidade ativa como: *improvisação, jeitinho, artimanha, traquinagem, técnica, atitude inventiva, criatividade, solução não convencional e alternativa de um problema, tecnologia popular* (Bouffleur, 2013; Obici, 2014).

Sob uma *perspectiva antropológica*, ao qual nos propomos um olhar para as relações de poder, a posição dos *sujeitos subalternizados* e suas desestabilizações estratégicas, podemos problematizar tais quatro categorias definidas a partir de outras duas perspectivas. Do *olhar de fora*, este que normatiza as práticas a partir de suas vivências e experiências e que subjuga e criminaliza as práticas subversivas as normalizações. Outra perspectiva é a do *sujeito antropófago*, aquele que ressignifica o lugar que lhe é dado pelo outro, que aceita o que vem de fora, busca e reconhece no outro seus pontos positivos, e age enquanto um sujeito devorador, possibilitando outras significações para o lugar comum dado aos dispositivos normalizados. No conjunto de nossas experiências com o *podcast*, é este segundo caminho que se apresenta como mais promissor.

Pensamos também o conceito de gambiarra a partir do autor e designer Cubano Oroza (2015). A escassez de insumos, produtos e peças para reposição fez com o que o povo Cubano recebesse incentivos do Governo para que produzissem soluções visando estender a vida útil dos bens de consumo e produção em uso no país (Oroza, 2015).

Em outras palavras, *gambiarra é resistir e fazer prosperar*. Apesar de qualquer outro fator negativo. “Num mundo onde a habilidade de invenção e reparação tornam-se meio de sobrevivência e, às vezes, única forma de desfrutar do conforto que tais dispositivos podem oferecer, não há como deixar de *pensá-las como práticas políticas*” (Obici, 2014, p. 13).

Não encaramos esse desajuste às normas vigentes como negativo, como pressupõem as lógicas (neo)coloniais. Nesta investigação consideramos esse *desajuste* à

norma como característica inerente às *possibilidades projeção, de inovação, experimentação, criticidade e autonomia*, tecendo outros caminhos, inclusive alternativos às normalizações - caminhos para construir um *podcast antropofágico*.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUR, R. **Fundamentos da Gambiarra: A Improvisação Utilitária Contemporânea e seu Contexto Socioeconômico**. São Paulo: Tese-FAU/USP, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos remplazados por algoritmos**. Guadalajara/México: Editorial de la Universidad de Guadalajara, 2019.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: Edições SESC, 2020.

MALDONADO, Efendy. **Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa**. Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil. 1 ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy. Cidadania comunieducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. **Comunicação & Educação**, v. 27, n. 1, p. 5-14, 2022.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2014.

MOGLEN, Eben. El manifiesto puntoComunista. In: LAGO, Silvia (comp.). **Ciberespacio y resistencias: exploraciones en la cultura digital**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2014.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Gambiarra e experimentalismo sonoro**. p.145. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2014.

RIVERA CUSICANQUI, Sílvia. **Un mundo Chi'xi es posible**. Ensayos desde un presente en crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Podcast e hibridização: A historicidade do conceito de podcast em trabalhos de pós-graduação no campo da comunicação no Brasil**. Intercom, 2022.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Construindo um Pós-podcast? Da historicidade do podcast aos caminhos alternativos**. In: Anais do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. São Paulo: Intercom, 2024.

SANTOS, Luan Correia Cunha. Desterritorializações Metodológicas e Saberes Amazônicos: Comunicadores Indígenas na Criação Midiática em Contexto de Pandemia. In: RODRIGUES, F.S; MORAIS, V.M.I. **Estudos Transdisciplinares em Regiões de Fronteira:** Migração, violência e direitos humanos em tempos de pandemia. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima. 2020b.

SANTOS, Luan Correia Cunha. Podcasting Macunaíma: **Atualizações da estética antropofágica para a linguagem híbrida do podcast.** Monografia de conclusão de curso. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima. 2019.